



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

SENHOR VENTURA, o toleirão...

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTAÑE

O Senhor Ventura é um vaidoso que nunca perde a ocasião de se mostrar importante. E' um dos tais de quem dizem os pretos: «*Sió qué fazê*» de gente grande...

Mas neste verão, para seu castigo, sucedeu-lhe uma, que ao menos vaidoso faria córar de vergonha. Quanto mais a êle, ao senhor Ventura...

Querem saber?

Eu conto:

O senhor Ventura andava cheio de calor. O termómetro em Lisboa marcava muitos, muitos graus à sombra. E ao sol... nem é bom falar nisso!...

Resolveu êle, portanto, ir para uma praia... Meteu-se no combóio e, pelo caminho, já se sentia mais fresco só de pensar nos ricos banheiros que iria tomar daí a pouco tempo.

Apenas chegou, instalou-se numa pensão.

Mas o cheiro da maresia era tão pronunciado e — como direi — tão... convidativo, que o senhor Ventura não pôde resistir mais tempo. Apesar da hora tardia — quasi sol posto — decidiu começar logo com os banhos. Foi falar a um banheiro, alugou uma barraca, despiu-se rapidamente e encaminhou-se para o mar. Mas retrocedeu, pensando:

— «Não! Vou saltar da prancha. E' muito mais

chic. Demais, como a esta hora já não há ninguém a tomar banho, vou fazer um *vistão!*...»

Ao chegar à prancha, sofreu, porém, uma desilusão. Não era êle o único banhista. Outro o precedera... Depois do primeiro momento de arrelia teve, contudo, uma inspiração:

— «Alto! Eu não conheço a praia — murmurou para consigo. — Portanto será bom não me arriscar muito! Na extremidade da prancha pode o mar ser muito fundo e haver correntes perigosas. O mais conveniente, pois, será tirar informações...»

Parou a meio da prancha e chamou em alta voz:

— «Pcht! O' cavalheiro, faz-me um favor?»

O outro, um velhote careca, que, pelo visto, estava regaladíssimo, interrogou:

— «Que deseja?»

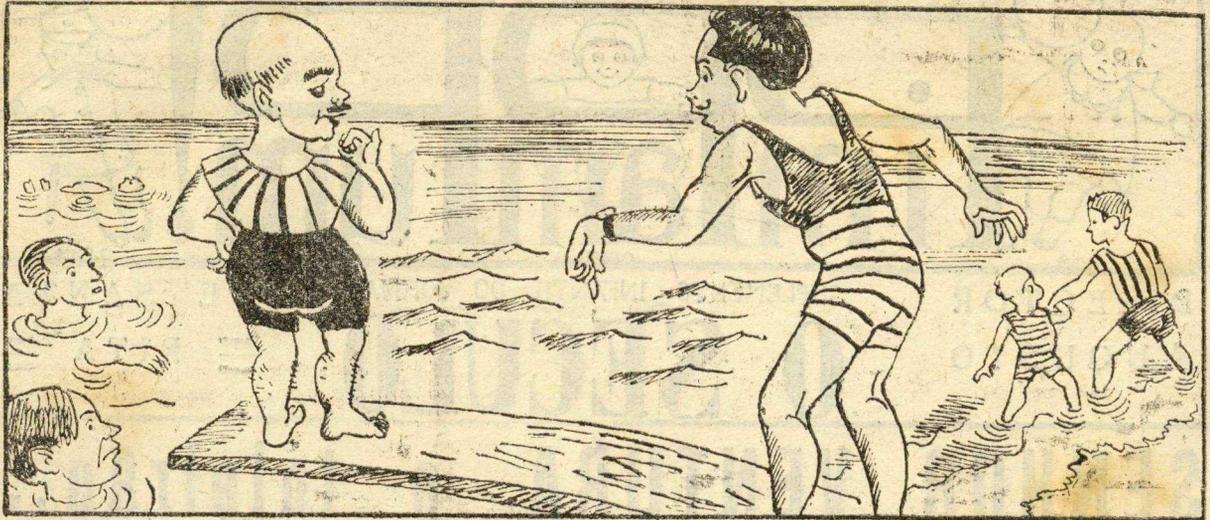
— «Isto aqui é suficientemente fundo para que eu possa mostrar, a quem me vê, como se

forma, com elegância, o célebre salto de peixe?» Um pouco enofrado pelos ares importantes e a frase ultra-pateta do senhor Ventura, o velhote respondeu, mal humorado:

— «Sei lá!... Nem bom peixe, em qualquer porção de água, dá belos saltos...»

— «O cavalheiro está enganado!... Eu não lhe peço conceitos, peço-lhe apenas uma informação...»





Desejava saber se este ponto é bastante fundo, E' ou não?»

—«Julgo que sim, senhor conselheiro!...

Olhe! Cá a mim dá-me pelo pescoço!... E não sou muito alto, não!...

—«Obrigado!...» — agradeceu Ventura, sempre com ares superiores.

Olhou disfarçadamente para a praia e notou, com prazer, que todas as pessoas, que ainda ali se conservavam, o olhavam com curiosidade.

—«Estão a admirar a minha elegância!...— pensou o palerma do senhor Ventura.

Tossiu, esfregou as mãos, fez um passes ginásticos e, de repente... zás!... formou o célebre salto de peixe!...

Mas... oh Deus dos humildes!...

Apenas caído na água, levantou-se, rapidamente, a gritar, com as mãos na cabeça. Afinal a água nem sequer lhe chegava à cinta!...

Furioso, o senhor Ventura, dirigiu-se ao velhote que o informara:

«Seu intrujão!... Seu malcriadão!... Seu patifão!... Vais já pagar-mas!... Com que então a água chegava-lhe ao pescoço?!...»

E o velhote a correr, a nadar, foi-se escapando para a praia, gritando apenas:

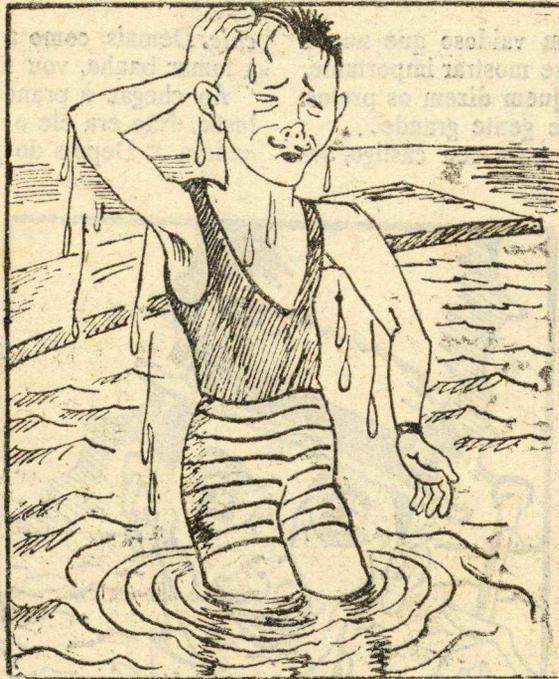
«Efectivamente!... Efectivamente!...»

«Só nesse momento, o senhor Ventura reparou na situação ridícula em que caíra.

E' que, meus queridos amiguinhos, o velhote careca era um anão!...

Estão a ver que, logo no dia seguinte, o combóio levava para a capital certo banhista que regressava com um galo na cabeça a mais e, talvez, um pouco de toleima a menos...

Os vaidosos, os enfatuados com a maior facilidade criam situações que, para sempre, os ridicularizam!...



Meninos: — Atenção!...

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A Bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SÃO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

Chuva de estrelas

Por MILAU, Desenhos de Adolfo Castañé

Bébé está atrapalhado...
Teve medo de morrer,
Vendo estrêlas a correr,
Todas, todas para um lado.

De mãos postas, a tremer,
A mamã estava assustada.
E o papá pôs-se a dizer:
—«Não é nada, não é nada!»

Só de lembrar-se, o Bébé
Ainda trême de medo.
Passa horas, mudo e quêdo,
A pensar:—«Mas como é
Que elas marcham pelo ar,
A correrem tanto, tanto?»

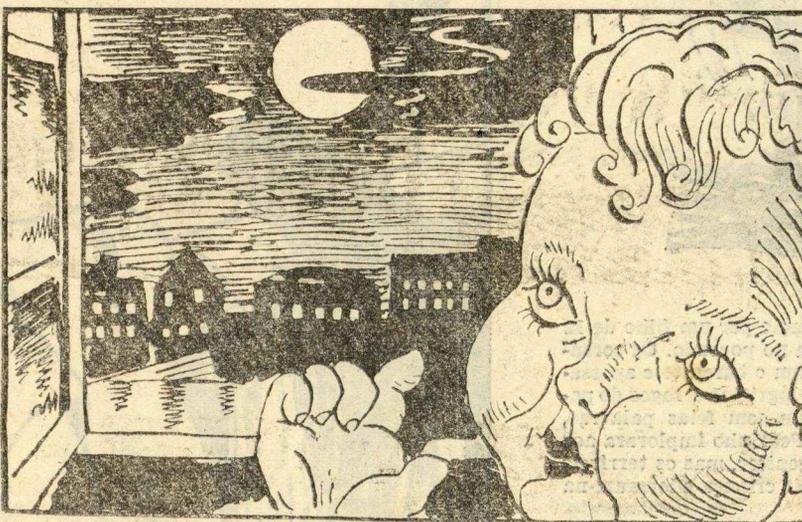


Seria a lua, a chorar?!
Como era grande o seu pranto!
E então, ficando a pensar,

O Bébé pergunta em vão:
—«Não foi a lua a chorar...»
Mas o que seria, então?»

PERGUNTAS DE BÉBÉ

HA dias, não sei porquê,
Bébé pôs-se a cogitar:
—«Porque a lua, que ele vê,
Dá assim tanto luar?!
Está no céu. Mas, então,
Vê-se a lua e não se vê
Nosso Senhor? Porque é?!»



Foi perguntar ao Papá,
A' Mamã e à madrinha,
Mas todos lhe dizem:—Vá
Tratar da sua vidinha!

Ele, então, fica a cismar...
E em sua imaginação
Vê pelo céu, pelo ar,
Os anjinhos a brincar
Com a lua, alto balão!

MONTANHA MARAVILHOSA

É o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araújo, ao preço de 5 ESCUDOS cada volume.

Os Piratas

Saint

Quinn

TEXTO DE ZÉ DA VILA

NOS fins do Século XVII, os mares estavam infestados de corsários, também designados por filibusteiros ou piratas. Inimigos terríveis e perseguidores ferozes da navegação mercante, eles eram o flagelo dos oceanos;

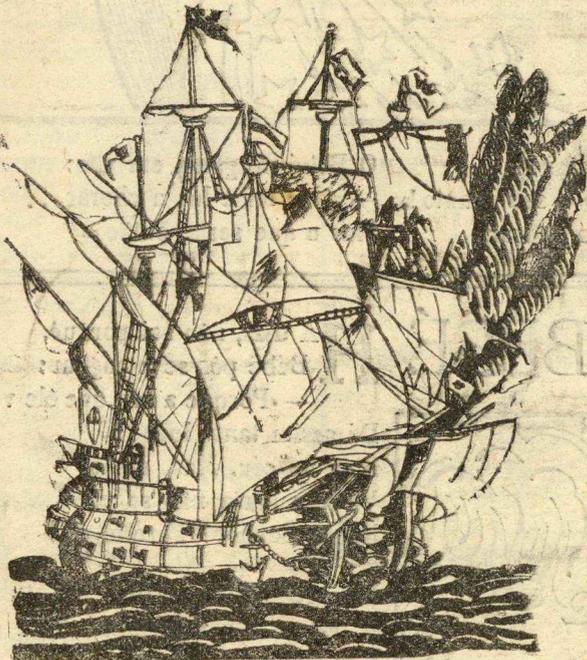
No princípio do Século XVIII, saiu de França para o Brasil uma armada de corsários, comandada por Duguay-Trouin, homem terrível que grandes estragos causou nas armadas inglesa e espanhola. Conta-se que, conversando êle um dia com Luiz XIV, dissera ao rei de França: — «Ordenei à glória que me seguisse» — «Ela foi-te fiel» — ter-lhe-ia respondido o monarca.

Em 7 de Julho de 1711, partiu o perigoso corsário de França, para se apossar do Rio de Janeiro e libertar 700 franceses. Durante a viagem, na costa de Portugal, um dos seus navios, o galeão «Saint Nazaire», afastou-se da armada e já não pôde reunir-se a ela. A sua tripulação resolvera, por isso, regressar a França. Os ventos contrários, porém, impelleram o barco para a costa. Certa noite, a poucas milhas duma praia nortenha, os piratas encontraram um barco de pesca português, o «Menino

peça de ouro: — «Guarda esta moeda para comprar brinquedos quando chegares a França.» — disse-lhe o capitão a rir.

Pedrinho, que não percebia palavra da arresada lingua, guardou a peça que lhe estendiam e retirou-se para a câmara, a fim de fazer a limpeza, serviço que os piratas lhe haviam destinado.

Passaram-se meses no mar, sempre com ventos contrários que impediam o «Saint Nazaire» de aportar a terras francesas.



Pedrinho conhecia já a lingua dos corsários. Aprendera-a com o mais velho pirata do galeão, que lhe dedicava alguma esmola e que, nos dias em que não surgiam presas, se entretinha a distrai-lo.

A certa altura da demorada navegação, os comestíveis começaram a escassear. Água quasi já não havia, bolachas também não e quanto a carne, apenas umas arrobas que durariam, o máximo, três dias.

Uma noite, depois da ceia, que as circunstâncias obrigaram

do Mar», que era tripulado pelo seu dono e por um filho de 12 anos, o «Pedrinho», como lhe chamavam no povoado. Os corsários, por espírito de malvadês, apressaram o barquito e apossaram-se de Pedrinho, de nada valendo as lágrimas e rogos do pobre pai. A êste, depois de o molestarem com feias palavras, deixaram ir embora com o seu barco. Pedrinho implorara aos piratas que o restituissem ao seu progenitor, mas os terríveis marinheiros não se apiedaram da infeliz criança e levaram-na a bordo.

Na manhã seguinte, o «Saint Nazaire», que aproara ao oceano, abordou uma nau portuguesa que vinha do Brasil e, após uma luta sangrenta, apossou-se do seu recheio, findo o que, e depois de chacinada a tripulação, foi incendiado o navio.

Pedrinho, que, aterrorisado, assistira à medonha cena, instintivamente e apesar de muito menino, jurou vingar a morte dos seus compatriotas.

Os piratas, após a carnificina, o roubo e o incêndio e findo o balanço da rica presa, chamaram a criança e deram-lhe uma



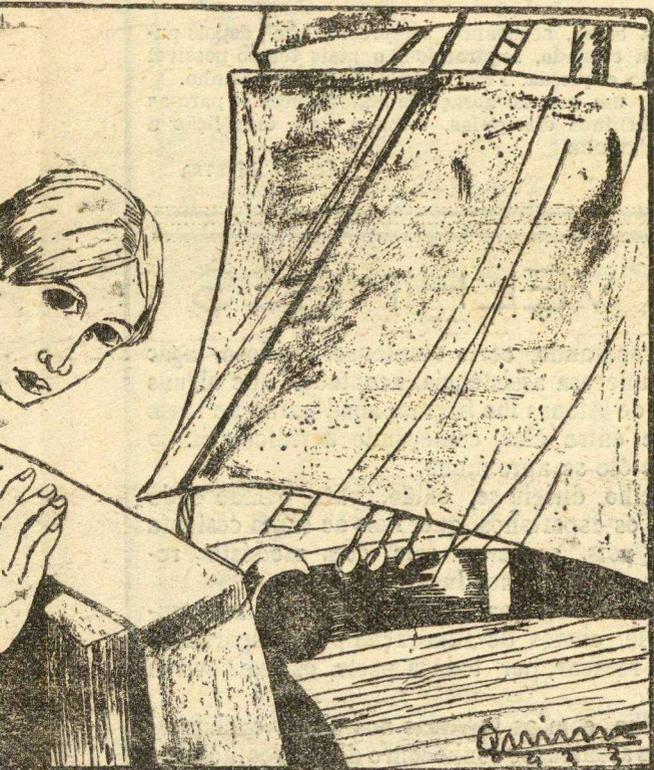
do Galeão "SAINT NAZAIRE"

A — BONECOS DE QUIM

a ser frugal, Pedrinho escutou, sem querer, uma conversa. Na câmara, o capitão e restante oficialidade, estudavam a maneira de saír das dificuldades em que se encontravam. Um deles lembrou que se fizesse um desembarque na povoação natal de Pedrinho, onde os pescadores, desarmados, não oporiam resistência e onde, portanto, era fácil arranjar mantimentos. A proposta foi aceite e combinou-se a façanha para a noite seguinte. Pedrinho, ao ouvir o que se planeava, ficou horrorizado. Lá iriam morrer às mãos dos terríveis filibusteiros, o tio Fernando, que lhe fazia os barquinhos de cortiça; a tia Ana que, aos sábados, depois da fornada de pão, lhe dava bôlos quentes; o pai, que era tão seu amigo...

Na noite seguinte, um vento leste fortíssimo e uma chuva persistente, obrigam os piratas a desistir de pôr em prática o seu plano. Aprasou-se que ele ficasse para a outra noite. Pedrinho, atento a todas as manobras que se faziam a bordo, não se deitou. Os corsários, por volta da meia noite, recolheram aos seus beliches e adormeceram. Na tolda, além de Pedrinho, que se ocultava entre o cordame, apenas estava um vigia à prôa, que adormeceu pouco depois da tripulação se recolher, e, à popa, sobre o chapiteu, o timoneiro que governava o navio.

A criança subiu para junto do homem do leme e conversaram ambos acerca da falta de víveres e da tempestada que re-



crudesceia de intensidade. A certa altura, Pedrinho teve uma ideia. — E se adormecesse o pirata? — Isso facilitaria o plano que tinha projectado pôr em execução.

— Sabes alguma história de fadas? — perguntou ao timoneiro.

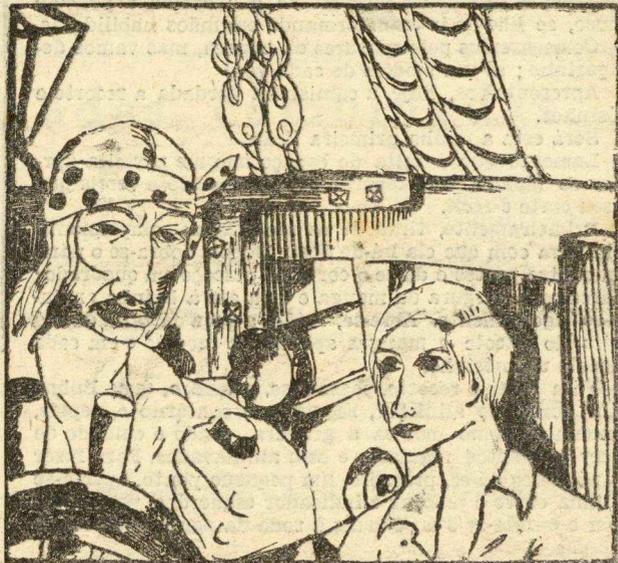
— Sei histórias mas não são de fadas. Podia contar-te algumas mas o seu realismo com certeza aborrecer-te-ia. São histórias de homens...

— Vou, então, ensinar-te uma que me contou a prima Joana.

E Pedrinho começou a fazer uma disparatada narrativa e tão aborrecida que, daí a pouco, o pirata, esquecido da grande responsabilidade da sua função, caiu em profundo sono.

A criança, conseguido o seu fim, encaminhou-se para o cofre dos cintos de salvação e envergou dois deles, depois lançou mão do leme, aprofundando o barco à terra.

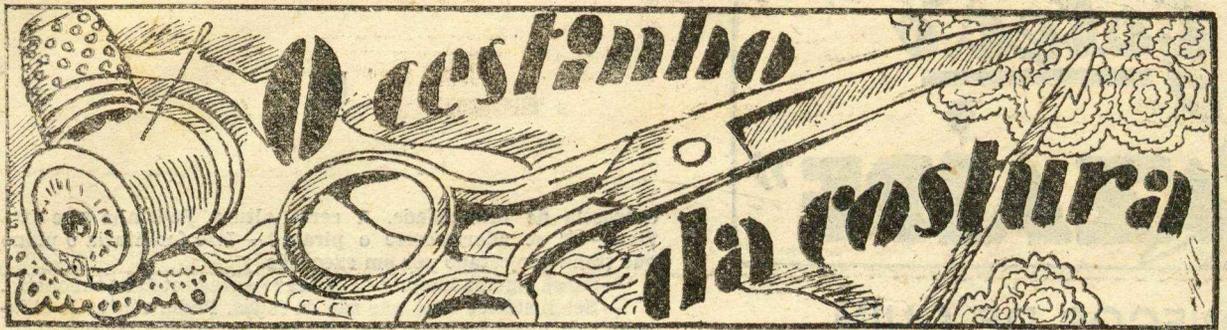
Quando aos primeiros pronúncios do dia enxergou o recorte rochoso da costa, atou o leme em direcção à praia e lançou-se ao mar. Impellido pela ventania, o navio corsário, daí a pouco, sem que os seus perigosos tripulantes dessem por isso, foi estilhaçar-se, com um fragor espantoso, de encontro aos recifes. O



«Saint Nazaire» e os seus filibusteiros tinham deixado de existir. Alarmados com o estrondo, os pescadores saíram de suas casas, aterrorizados, e dirigiram-se para a praia. Procuraram, fizeram pesquisas e, por entre alegria indiscreta, viram o pobre Pedrinho, já próximo da terra a lutar com as ondas. Seu pai e mais meia dúzia de pescadores, decididos, atiraram-se ao mar e conseguiram trazer para terra a pobre criança que estava quasi desfalecida. Souberam, depois, pela boca do pequeno, o que ocorrera. A fama do acto chegou à capital do país e D. João V, para recompensar a coragem de Pedrinho e em atenção ao inestimável serviço prestado aos marinheiros pacíficos, nomeou-o capitão duma nau. Pedrinho, ao abandonar a sua humilde terra, para tomar o comando dum belo navio, convocou os pescadores mais velhos para uma grande festa. Durante ella, chamou o tio Fernando, que era o decano dos pescadores e, depois de o ter abraçado e beijado, entregou-lhe a peça de ouro que lhe haviam dado os piratas.

— «Toma esta moeda — disse — É para pagar os barquinhos de cortiça que me fizeste quando eu era muito menino».

■ F I M ■



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

QUERIDAS DISCÍPULAS:

Qual de vós não possuirá um cestinho da costura, onde junte retalhinhos e lindos trapalhões para as roupas da boneca? Mas, às vezes, quantas atrapalhações, quantas dificuldades não surgem sem saber como aproveitá-los!

Pois a Abelha Mestre começa hoje a auxiliar as simpáticas leitoras do *Pim-Pam-Pum* dando-lhes uns modelos simples e graciosos, próprios para serem executados por mãos pequeninas que assim, a pouco e pouco, se hão-de ir transformando em mãos habilidosas.

Começaremos pela «parure» da boneca, mas vamos de vagarinho; só um modelo de cada vez!

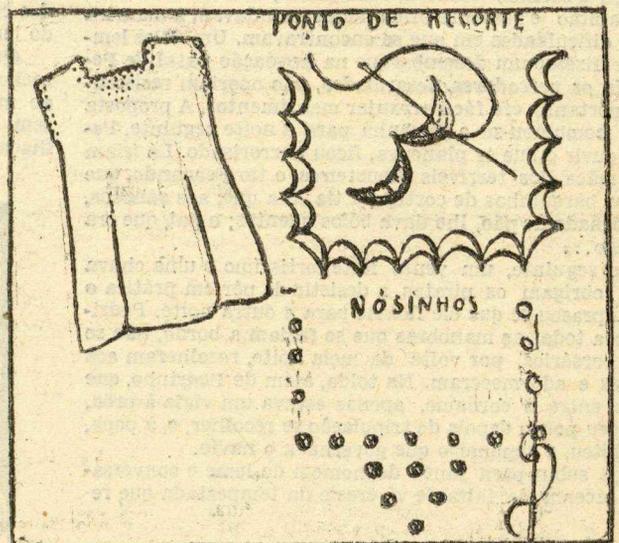
Apresento-vos, hoje, a camisinha bordada a recorte e nósinhos.

Será esta a minha primeira lição.

Lamento que a falta de espaço não me permita dar-vos os moldes, mas reparai bem no modelo e vereis que o seu corte é fácil.

Primeiramente, tiram-se as medidas do comprimento e largura com que ela há-de ficar. Depois dobra-se o pano em quatro partes e dá-se o corte do pescoço em quadrado; marca-se a largura da manga e dela até à bainha enviua-se ligeiramente. Abre-se, então, a peça já talhada e à beira do decote e mangas aplica-se o recorte e em cada recorte um nósinho.

Para fazer o recorte, passam-se, primeiro, duas linhas com ponto de alinhave, seguindo o contorno e, depois, executa-se como mostra a gravura, tendo o cuidado de fazer os pontos regulares e bem alinhavados. Para fazer os nósinhos dá-se, primeiro, um pequeno ponto, aperta-se a linha entre o polegar e indicador esquerdos, puxando-a bem e enrola-se 3 ou 4 vezes à roda da agulha; espeta-se



esta para baixo, segurando sempre a linha; depois puxa-se com cuidado, segurando-a o mais tempo possível com a mão esquerda. Tereis, assim, feito um nósinho.

E, com um grande abraço de maior simpatia para as suas pequeninas discípulas, termina hoje esta lição a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

RESPEITEMOS OS VELHINHOS

NOS tempos mais remotos da Grécia, eram os velhos tidos em tão grande estima, que tinham direito aos primeiros lugares nas assembleias nacionais e nunca era permitido aos rapazes questionar com eles.

Na célebre república de Esparta, a lei obrigava os rapazes a cederem o passo a um velho, fôsse onde fôsse, a levantar-se, quando êle chegava, a calar-se, quando êle falava, e a escutá-lo, com respeitosa atenção.

Entre os antigos romanos, não se tributavam tantas honras ao nascimento e á fortuna como á idade.

Os velhos eram, por êles, considerados como semi-déuses.

Eis um exemplo do respeito que os espartanos tributavam aos velhos;

— Procurando, certo ateniense, já idoso, lugar entre numerosa assistência, aconteceu que alguns rapazes de Atenas lhe fizeram sinal para que fôsse sentar-se entre êles, começando a ridicularisá-lo logo que êle se aproximou.

O velho dirigiu-se, então, para o lado onde estavam os espartanos, que, fieis ao santo costume do seu país, se levantaram, com modéstia, reservando-lhe o melhor lugar.

Então, os mesmos atenienses que tinham zombado dele, cheios de admiração pelos espartanos, fizeram ressoar, por toda a parte, os mais, vivos aplausos.

O velho, com as lágrimas nos olhos, exclamou: — «Os atenienses conhecem o dever dos homens bem educados mas os espartanos sabem pô-lo em prática.

CHARADAS EM FRASE

PARA OS MENINOS COLORIREM

Este homem que chegou aqui, regresso duma linda terra portuguesa. 1-1-1

O balido desta ovelha junto à pedra do moinho, semelha o ruído deste ribeiro e fica em nossa lembrança. 1-1-2

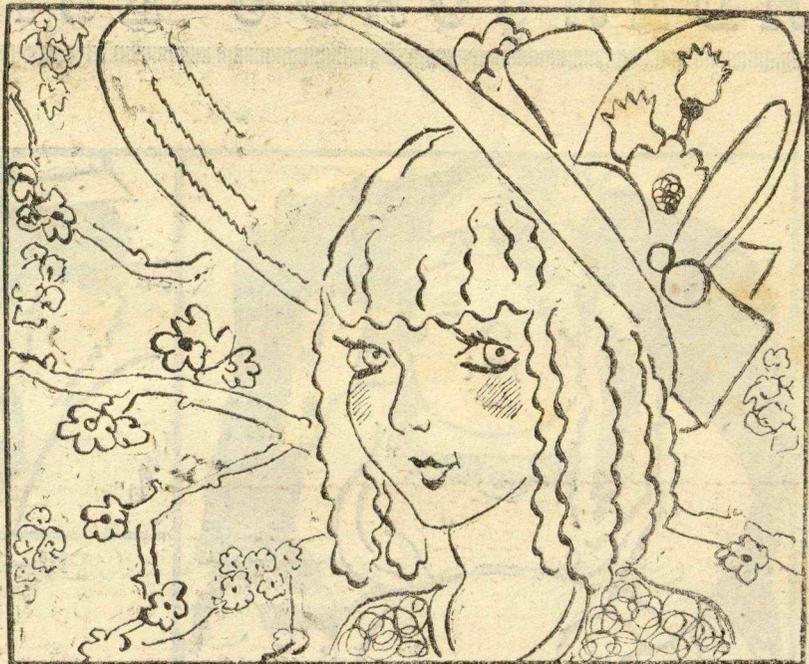
A minha parente tem verdadeira queda para chefe de estação. 2-2

Esta máquina de adornar madeira é movida com a solicitude duma parte do pé. 2-2

Com este nome e este apelido se assina este homem. 2-2

Esta mulher soletra este livro de literatura até mesmo doente. 1-2

Decifração das anteriores: 1—Livraria. 2—Inovador. 3—Doutrinário. 4—Vigorosa. 5—Anacrônica. 6—Corropio. 7—Simpatia.



ADIVINHA



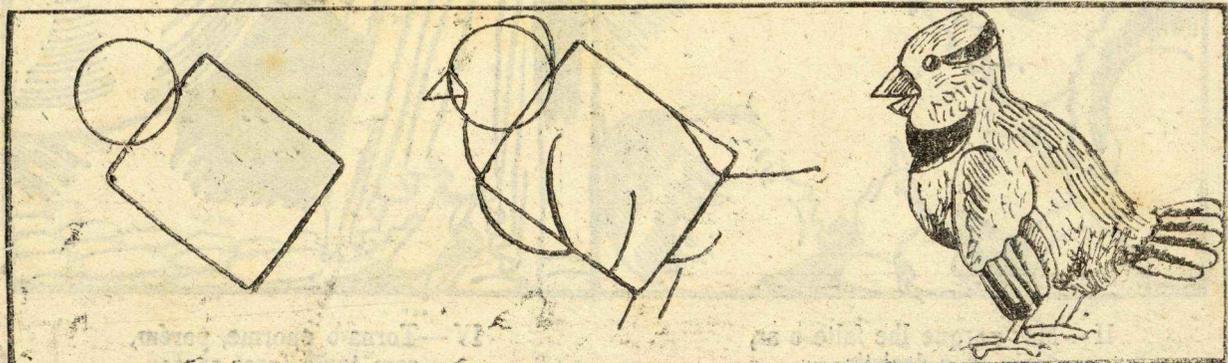
Meus meninos:—Este sujeito gosta de andar em cabelo mas tem um irmão que o não imita, e anda sempre com chapéu. Vejam se descobrem este ultimo.

Charadas combinadas

- | | | |
|------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| + ta — Pequeno barco | + mo — Fim | + po — Pedaco de pano |
| + la — Pano de navio | + o — Curso d'água | + pa — Abelha |
| + co — Pedaco | + co — Pedaco | + po — Batráquio |
| Conceito:—Utensillo de loiça | Conceito:—Utensillo de loiça | Conceito:—Utensillo de loiça |
| + go — Incendio | + to — Fritura | + no — Tolo |
| + to — Animal doméstico | + ro — Estravagante | + po — Batráquio |
| + no — País | + xa — Legado | + xa — Legado |
| + ta — Rumo | + to — Animal roedor | + to — Animal roedor |
| Conceito:—Utensillo de barro | Conceito:—Utensillo de barro | Conceito:—Utensillo de barro |
| + to — cobertura | + to — Veste | + la — Fila |
| + i — Partidário alemão | + na — Arbusto seco | + as — Terra beiróa |
| Conceito:—Utensillo de ferro | Conceito:—Utensillo de metal | Conceito:—Utensillo de ouro |
| + la — Goma | + ra — Vaso para flores | + ma — Letto |
| + te — Vazilha | + ta — Rumo | + ta — rol |
| Conceito:—Utensillo de vidro | Conceito:—Utensillo de vidro | Conceito:—Utensillo de vidro |

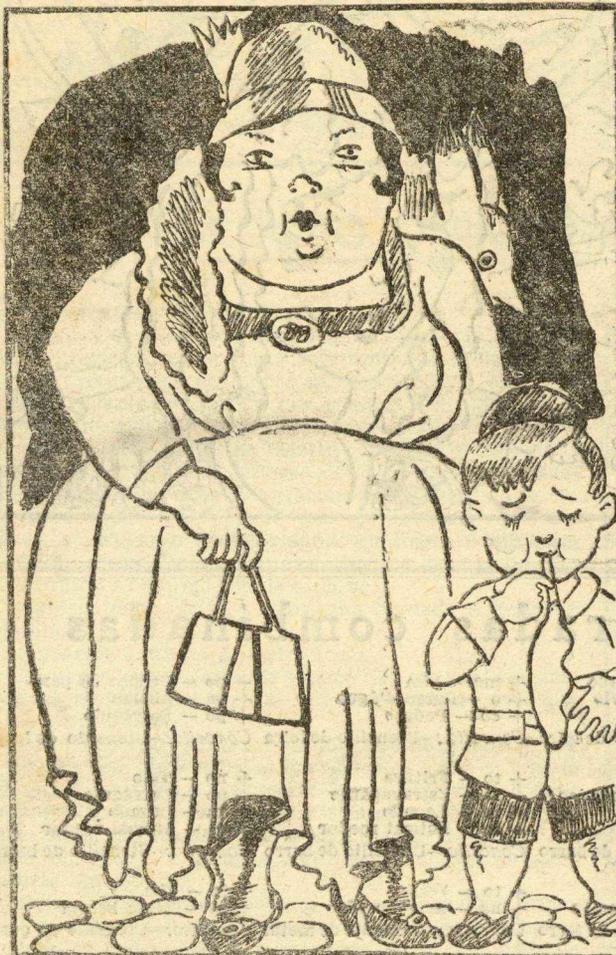
Decifração das anteriores: 1—Cervejaria. 2—Escritório. 3—Chapelaria. 4—Ornamento. 5—Canivete. 6—Cabeleira. 7—Café. 8—Leite. 9—Licór.

LIÇÃO DE DESENHO

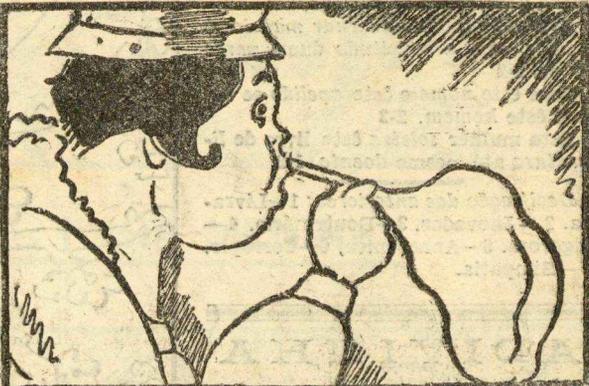


Como se desenha um papagaio

ABENÇOADO ESFORÇO!...



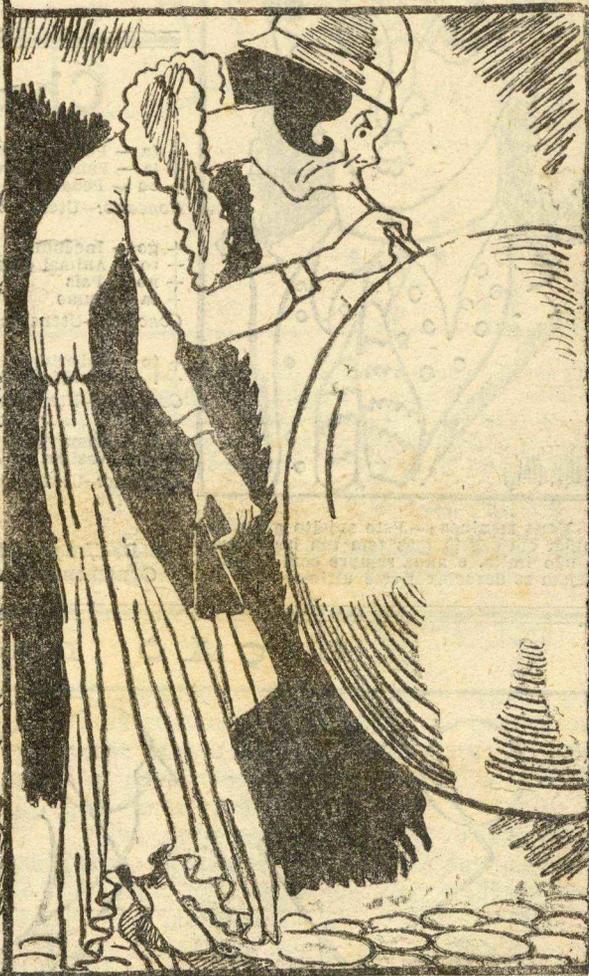
I — O pequenino João,
ao lado da mãe querida,
senhora muito nutrida,
tenta encher o seu balão.



III — Dona Pulquéria, a mamã,
porque adora o seu filhinho,
logo sopra o balãozinho,
com um solícito afan.



II — Mas porque lhe falte o ar,
acaba por desistir,
ou, melhor, por lhe pedir
o favor dela assoprar.



IV — Torna-o enorme, porém,
com tanto furor soprou
que, por fim, a gorda mãe
como estão vendo ficou.